ENTREVISTA: DRA. ROSELANE ZORDAN COSTELLA

INTERVIEW: ROSELANE ZORDAN COSTELLA

ENTREVISTA: ROSELANE ZORDAN COSTELLA

LEONARDO PINTO DOS SANTOS
Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. Doutor em Geografia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.
E-mail: leonardoufsm@hotmail.com

VICTÓRIA SABBADO MENEZES
Doutoranda em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS.
E-mail: victoriasabbado@gmail.com

Resumo: Roselane Zordan Costella é licenciada, mestra e doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem vasta experiência na Educação Básica e no Ensino Superior como professora e assessora de ensino. Atualmente, é professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, na linha de pesquisa em Ensino de Geografia. Dedica-se à pesquisa neste campo, sobretudo as temáticas: avaliações externas, BNCC, alfabetização/letramento cartográfico, autonarrativas e formação docente. Nesta entrevista, a professora discorre sobre questões como identidade docente, formação de professores, docência em Geografia, o seu conceito de "espaço mentalmente projetado", livro didático, além de pontos mais polêmicos como o projeto "Escola sem Partido" e a Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave: ensino, geografia; formação, docência.

Abstract: Roselane Zordan Costella has a graduate, master and doctor in Geography from the UFRGS. She has extensive experience in Basic Education and Higher Education as a teacher and teaching assistant. Currently, she is a teacher at the FACED/UFRGS and the Postgraduate Program in Geography at UFRGS, in the line of research in Geography Teaching. Research in this field, mainly the themes: external evaluations, BNCC, cartographic literacy, autobiographical narratives and teacher education. In this interview, the teacher talks about issues such as teacher identity, teacher education, teaching in Geography, her concept of "mentally designed space", didactic books, in addition to more controversial points such as the "School without Party" project and the BNCC.

Keywords: education, geography, formation, teaching

Resumen: Roselane Zordan Costella es licenciada, magister y doctora en Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande del Sur. Tiene una gran experiencia en el área de educación básica y superior como profesora y asesora en la enseñanza. Actualmente, es profesora en la facultad de Educación y del programa de Posgrado en Geografía de la UFRGS, en la línea de investigación en Enseñanza de la Geografía. Se dedica a la investigación en este campo, sobre todo en temáticas como: evaluaciones externas, BNCC, alfabetización cartográfica, auto narrativas y formación docente. En esta entrevista, la profesora toca temas como identidad docente, formación de profesores, docencia en geografía; su concepto de "espacio mentalmente proyectado", libro didáctico, además de puntos polémicos como el proyecto "Escuela sin partido" y la Base Nacional Común Curricular.

Palabras clave: enseñanza, geografía, formación, docencia.

Prezada Roselane, gostaríamos de iniciar nossa conversa pedindo que fale um pouco de sua vida, onde nasceu, sua vida de estudante, seus primeiros anos na escola básica como professora...

Nasci numa família muito humilde, filha de caminhoneiro e minha mãe era do "lar" – designação dada à mulher que não exercia nenhuma profissão. Os dois frequentaram a escola por muito pouco tempo. Contudo, devo muito a meu pai o fascínio pelos livros e o hábito de não apenas observar, mas acima de tudo, ler o mundo.

Encantava-nos contando-nos o que lia. Foi com ele, por exemplo, que soube da existência dos camicases o que levava-me a imaginar como era possível alguém colocar uniformes novos, usar perfumes e depois se matar. A minha cidade natal também era terra de uma tribo indígena. Cresci ouvindo que os índios tomavam o lugar dos colonos. A necessidade de trabalhar assim que concluísse o segundo grau levou-me a optar pelo Magistério que, dentre os cursos técnicos, foi o que mais despertou meu interesse.

A minha primeira experiência em sala de aula foi em uma escola na cidade de Passo Fundo, norte do Estado (RS), quando da realização do meu primeiro estágio. Senti um estranhamento muito grande quando vi diante de mim todos aqueles alunos, sem saber muito bem o que fazer com eles. Depois de formada no Ensino Médio (antigo segundo grau), fiz um concurso chamado Área Um, para ser professora do Estado, o que me dava direito a trabalhar com os anos iniciais. As maiores dificuldades residiam na falta de infraestrutura das escolas e o difícil acesso. Por diversas vezes o mau tempo nos obrigava a descer do carro e empurrá-lo até tirá-lo do lodo. As dificuldades também eram pedagógicas: entender a dinâmica de uma escola, como eram organizados os horários, os conteúdos, o que os alunos deveriam aprender. Nesta época, cursava a faculdade de Estudos Sociais na cidade de Erechim, localizada na Região do Alto Uruguai. Por esta razão, coube a mim trabalhar História. Um dos conteúdos a ser trabalhado fazia referência aos povos antigos. Na oportunidade, não compreendia que possíveis relações poderiam haver entre os povos antigos e a vida dos meus alunos que viviam naquela cidadezinha, localizada no norte do Estado chamada Santo Expedido do Sul. Hoje, imagino que ao se depararem com a prática de sala de aula, os licenciados enfrentem as mesmas dificuldades de

compreensão, quais sejam: o que é ser um professor e para que chegadas os conteúdos são vias e caminhos.

A senhora começou com História, professora?

Sim, trabalhei História e Educação Física. Isso acontecia porque minha formação era Magistério. Ao ser aprovada em 1987 no concurso público do Estado do Rio Grande do Sul assumi a disciplina de História numa turma de sexta série. No programa, constava História Antiga. Era preciso trabalhar os egípcios, os mesopotâmicos. Aí começavam os primeiros desafios, tanto em relação ao conteúdo quanto à metodologia, considerando que estava cursando apenas o primeiro semestre da faculdade de Estudos Sociais. Desse modo, reproduzia aquilo que o livro didático mostrava. No entanto, desde o primeiro momento que pisei na sala de aula, soube que não era esse o caminho a ser trilhado. Sempre tive consciência de que a forma como ensinava não promovia nem o encantamento e nem as mudanças que deveriam. Por outro lado, não sabia como fazer diferente. Era preciso descobrir. Mal sabia eu, que daquela angústia e daquela certeza de que precisava buscar novos caminhos, já começava a nascer a professora que me tornei.

Quais foram as principais dificuldades enfrentadas no início de sua vida como professora? O que daria de conselho aos estudantes de licenciatura que estão para entrar em uma sala de aula hoje em dia?

O conselho que deixo para os estudantes que cultivem a consciência de que o termo "dar aulas" deve ser repensado. Aula, não é algo que se dê. É, outrossim, um momento precioso de troca, de total interação e entrega. Percebo entre os licenciandos e os licenciados que estão entrando em sala de aula que o ponto mais importante para eles é o conteúdo. Assim, o conselho que dou é que enxerguem sempre aluno

antes do conteúdo. O conteúdo tem que servir para humanizar esse aluno, fazer com que ele reflita mais. Não podemos, da mesma forma, experienciar com os alunos, pois os mesmos não são cobaias. São seres em formação. O professor deve entrar em sala de aula seguro do que representa na vida e no futuro de seus alunos. Precisa ter sempre presente que o aluno está ali para aprender, mas que, por outro lado, tem muito a ensinar. O professor tem que se dar conta de que o aluno pode gostar de tudo menos de estar em aula. Ele não tem o gosto pela sala de aula e isso é natural para sua idade. Por certo, gostaria de estar brincando, subindo em árvores, indo ao shopping, falando no celular e muitas outras coisas, ao invés de estar ouvindo um professor. Vou dizer algo que venho pensando há muito tempo: conteúdo na verdade não serve para quase nada porque se perguntados sobre o que estudamos na educação básica, pouco ou nada nos lembraremos. No entanto, estamos aqui, sobrevivemos sem saber os detalhes da Química, por exemplo, que nossos professores nos fizeram memorizar. Estou falando de um conteúdo que nos foi imposto pela memorização. Porém, quando fomos levados a refletir sobre o conteúdo, certamente mobilizamos conhecimentos e concepções que nos tornaram pessoas melhores. Quanto às dificuldades [...] confesso que saí chorando de uma escola central de Porto Alegre, quando me deparei com a forma que os alunos são tratados. Não no sentido de serem desrespeitados pelo professor. Tratados com desrespeito estrutural. Tratados como se fossem pessoas que estivessem ali passando por aquele lugar porque tem que passar. Ou seja, alunos que copiam do quadro o tempo inteiro, que não refletem sobre nada. Não conseguem argumentar, não sustentam um diálogo. Um ambiente em que o professor precisa chamar incansavelmente e inúmeras vezes a atenção dos alunos para

poder trabalhar o conteúdo. Durante uma aula de cinquenta minutos, a professora chamou a atenção vinte e três vezes. Significa que por vinte e três vezes, a apresentação do conteúdo foi interrompida. São momentos que estes alunos deixam de aprender. Assim, não é difícil concluir que está faltando nas escolas uma cultura para que estes alunos compreendam que aquele lugar é um lugar de aprendizagem, de análises e reflexões. Falo em cultura porque acredito que o que mudará é repensar as concepções construídas e transmitidas por várias gerações. O aluno não sente mais a escola como uma conquista. Para ele, ter ou não ter escola é indiferente. Esta é para mim uma das maiores dificuldades enfrentadas – o descaso inconsequente e insano com os nossos alunos (principalmente nas Escolas Públicas). Quero deixar claro que, de forma alguma atribuo a culpa aos professores. Estou falando em algo muito maior, falo de um sistema estrutural, cujos descasos vêm engessando e imobilizando as mudanças necessárias.

A maioria de nós tem um professor que marcou nossa existência. Teria em sua formação algum professor(a) que tenha marcado em sua vida? O que ele(a) realizava de diferente dos outros?

Difícil de responder esta pergunta de forma tão objetiva. Nasci em uma cidade indígena, como já referi. Mudei-me para outro município distante cinco quilômetros. Tive professoras da educação básica que jamais fizeram referência ao nome daquela tribo que estava há poucos quilômetros de distância. Em nenhum momento ressaltaram que eu deveria respeitar aqueles indígenas. Nem sequer soube uma palavra na linguagem Caingangue. Se isso tivesse ocorrido, hoje poderia, com certeza citar aqui alguns nomes. Do Magistério, trago lembranças mais significativas. Lá aprendi, com alguns professores, a importância de organizar meus pensamentos e escrever com

propriedade e coerência. Lamentavelmente, minha paixão pela Geografia não foi despertada por nenhum professor que tive nessa área. Talvez, porque as aulas fossem basicamente copiar e responder questionários o que, para mim, era totalmente desprovido de sentidos. Práticas que infelizmente reproduzi no início da minha profissão. Considero oportuno trazer aqui um fato importante. Na primeira semana de aula no Ensino Médio, a professora de português solicitou que a turma fizesse uma redação cujo tema era o que se passava no interior de um ônibus urbano. O "detalhe" era que eu e algumas colegas nunca havíamos entrado no interior de um ônibus urbano – Escrever o quê? Desta forma, por muitas vezes enxerguei meus professores olhando para o lugar oposto ao meu. No curso superior o professor Castrogiovanni[1] mudou totalmente minha forma de pensar Geografia. Lembro de um fato que considero um marco na minha vida acadêmica e profissional: encontrava-me sentada em uma escada no Campus do Vale onde cursava uma pós-graduação na Geologia, preparando uma aula para a quinta série. Ao aproximar-se, olhou o meu planejamento e perguntou-me se realmente sabia o que estava fazendo com os alunos. Poucos minutos de reflexão foram suficientes para que eu percebesse que tinha muito a aprender. Ouvi atentamente o que ele me disse e mudei radicalmente a minha forma de entender o aluno. Penso que ali começava a germinar uma semente chamada reflexão, que nunca mais me abandonou.

Falando em formação de professor, em que medida a Geografia praticada dentro da Educação Básica influencia no pensamento epistemológico da ciência geográfica?

[1] Antonio Carlos Castrogiovanni, professor da Faculdade de Educação da UFRGS, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS e da Escola de Humanidades da PUC-RS.

Eu vejo um distanciamento muito grande entre a epistemologia da Geografia e a Geografia escolar. Sob meu ponto de vista, se o professor realmente compreendesse o que é espaço, ele não ensinaria Geografia como ele ensina. Se conhecesse a história da Geografia e para que ela serve, não ensinaria da forma como ensina. Acredito que, em primeiro lugar, é importante compreender a epistemologia da nossa ciência, conhecer os nossos clássicos, compreender de onde vem esse pensamento e depois atrelar isso ao ensino, que para mim é uma outra ciência. Desse modo, temos duas ciências: uma é a ciência geográfica e a outra é a ciência que se presta para o ensino, que não é aquela de onde nasce a Geografia. Defendo que há um distanciamento muito grande entre as duas. Se a pergunta é se ela influencia, respondo que sim. Essa influência é muito mais do que possamos imaginar. Exemplificando: estudei durante seis meses na faculdade o conceito de território. Esse conceito estava arraigado no entendimento da Geografia. Quando atuei na quinta série (sexto ano) da educação básica, o primeiro capítulo do livro trazia o conceito de território e não consegui aproveitar uma palavra daquilo que havia aprendido em seis meses na universidade. Fui preparada para compreender um conceito em diferentes pontos de vista, menos aquele que no momento precisava.

Agora pensando no sentido inverso da questão anterior, em que medida a formação propiciada pelo curso de licenciatura influencia na constituição da identidade docente em Geografia?

Acredito que o trabalho da Victória[2] versa muito bem sobre o tema e contribuirá enormemente para essa questão. A formação dos professores necessita mudar urgentemente. Esta mudança precisa

[2] Victória Sabbado Menezes, orientanda de doutorado da professora Roselane Zordan Costella no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS na linha de pesquisa em Ensino de Geografia.

iniciar na forma como os professores da universidade enxergam a licenciatura. É fundamental que esses professores compreendam como se ensina, considerando que ensinar não perpassa somente pela educação básica, mas também pelo curso superior. Imagino que muitos professores dos cursos de formação de professores não possuam a necessária compreensão do que seja uma licenciatura. Como podemos resolver isso? Um bom começo poderia estar na seleção por meio de concurso, os profissionais que trabalharão com as licenciaturas. Estes professores além de estarem identificados com o curso, deveriam ser submetidos a questionamentos que evidenciassem seus conhecimentos sobre o que significa ensinar e sobre a multiplicidade de processos que envolvem toda e qualquer aprendizagem. Tenho a percepção de que os professores em geral, dedicam-se de forma exageradamente particularizada em seus espaços de estudo, não conseguindo, muitas vezes, compreender o curso como um todo. Estranhamente é possível verificar que as próprias súmulas de suas disciplinas carregam as suas pesquisas, esquecendo assim do que realmente o aluno deve aprender. Os licenciandos precisam aprender na universidade como se tecem as relações entre os diferentes conhecimentos. Desta forma, rever quem está trabalhando na licenciatura, que perfil de profissional está ensinando quem irá ensinar um dia. As novas Diretrizes – Julho de 2015 – têm a preocupação com a formação continuada dos professores, pois a graduação não está dando conta desta formação. Por isso, antes de fazer com que a culpa recaia sobre os professores da educação básica, há que se analisar os contextos em que se deram a formação destes profissionais.

Ao considerar a necessidade de refletir acerca da formação inicial de professores, quais mudanças na licenciatura em Geografia a senhora enxerga que sejam importantes de serem realizadas?

Precisamos de uma identidade docente. Infelizmente, ouvi de um aluno que se formou na licenciatura a seguinte declaração: "eu não tenho identidade docente". Na verdade, o que é ter identidade docente? O que é ser professor? No decorrer da nossa vida quando nos sentimos professores? Sinto que essa identidade talvez não exista. Entendo que o núcleo de ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul[3] deveria repensar sobre quem é o docente que está formando. Este docente está preparado para que tipo de práticas? Para isso, julgo necessário nos voltarmos para o docente e pesquisar como ele se sente e na sequência comparar aos sentimentos a sua formação, ou seja, como se constituiu professor.

Entrevistadores: A senhora acha que seus licenciandos querem ser professores da educação básica ou querem logo entrar para a pós-graduação?

Roselane Costella: Temos uma pesquisa que nos diz que a maior parte dos egressos da UFRGS vai para a pós-graduação: mestrado e doutorado. A maioria deles entra em linhas de pesquisas integradas a territorialidade, questões ambientais, urbanização e poucos no ensino. Dos seis estagiários que acompanho (segundo semestre de 2017), apenas uma gostaria de continuar a ser secretária, profissão que já exerce. Os demais buscarão atuar em escolas. Mas estas decisões, sem dúvidas, resultam de encantamentos e de possibilidades que formos capazes de fomentar, contrariando as

[3] NEEGeo - Núcleo de Estudos em Educação e Geografia. Link de acesso: https://www.ufrgs.br/neegeo/neegeo/

pesquisas. Por outro lado, conheço vários dos meus alunos que entraram nas escolas e voltaram à academia, não só aqui como na PUC-RS[4].

Por que agora estão reformulando o currículo da Geografia?

Estamos acrescendo ao currículo seis novas disciplinas, praticamente novas: duas do Nelson[5] com alguma reformulação, duas da Ivaine[6] reformuladas. Uma disciplina que o Nestor[7] vai trabalhar totalmente nova e mais uma que vou ministrar, também nova. Nosso curso não estava de acordo com a legislação mesmo após a reforma de 2002. Acredito que um professor precisa saber muito o conteúdo da sua ciência, mas em igual proporção deve conhecer também os processos de aprendizagem. Há alunos que chegam no estágio, após ter passado por todos os conteúdos de Geografia, e não compreendem coisas básicas para trabalhar com os alunos. Faz-se necessário deixar claro que o conteúdo é importante na universidade, desde que se saiba o que fazer com ele. Esta reformulação no currículo é extremamente necessária.

De onde surgiu seu interesse pelas questões de ensino-aprendizagem na Geografia?

Fui alfabetizadora por muitos anos, professora das séries iniciais e também das séries finais. Quanto mais eu trabalhava, mais eu via que não entendia de aluno. Entrei várias vezes em crise, sem entender para "onde ia" o que eu pensava ensinar. Desta forma,

[4] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
[5] Nelson Rego, professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.
[6] Ivaine Maria Tonini, professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.
[7] Nestor André Kaercher, professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.

comecei a me preocupar com a aprendizagem. Percebi que os alunos não eram letrados ou alfabetizados espacialmente quando chegavam à quinta série. Os professores das séries iniciais não eram capacitados para ensinar Geografia a seus alunos pequenos. Na própria UFRGS, os estudantes ficam cinco anos na Pedagogia, tendo somente sete encontros de quatro horas durante todos estes anos para aprender a trabalhar o letramento espacial. A primeira vez que pensei em alfabetização cartográfica foi em uma palestra em que a professora Maria Elena Ramos Simielli[8] proferiu no Instituto de Educação (uma escola pública de Porto Alegre) no início da década de noventa. Ela falou sobre os problemas cartográficos. Neste momento, entendi o porquê dos meus alunos não entenderem mapas. Os próprios professores de Geografia não se apropriam de muitos conhecimentos porque não foram alfabetizados espacialmente, pulam etapas e não compreendem a origem das relações espaciais. Trabalhei vinte anos como professora da educação básica, repetindo infinitamente os mesmos conteúdos para muitas turmas. Mantinha uma memória própria sobre eles, mas não me dava conta que não entendia de aluno. Meus modelos pré-formatados, simplesmente avaliavam o que eu sabia e não o que o aluno sabia. Não conseguia entender como eles aprendiam. A partir do meu mestrado comecei a pesquisar aluno. Entrei no mestrado quando trabalhava na escola Santa Rosa de Lima[9]. Eu era professora dos sobrinhos do professor Nelson e um dia ele me alcançou entre as grades do portão um folder que continha os dados do mestrado em Geografia da UFRGS. O professor me desafiou a trabalhar sobre a forma que estava ensinando. Falei para ele do desejo que tinha de aprender como

[8] Professora da Universidade de São Paulo (USP).
[9] Escola Privada – hoje extinta.

ensinar Geografia a alunos pequenos. Sua resposta foi de que não sabia como orientaria um trabalho como aquele, mas que, movido pelo brilho dos meus olhos, arriscaria. A partir desta entrevista entrei no mestrado, pesquisando alfabetização cartográfica. Quando terminei meu mestrado procurei o Nelson novamente dizendo que após ter vencido aquela etapa, gostaria de estudar como é que um aluno de ensino fundamental e ensino médio aprende Geografia. O professor anunciou que no momento não daria, saí de mansinho agradecendo a escuta, mas ele me chamou de volta e disse – outros podem esperar, vamos trabalhar sim. O Nelson acreditou em mim mais uma vez.

A educação brasileira vem enfrentando tantos debates e interesses, como a senhora observa a ação da Escola Sem Partido no contexto atual de nossa sociedade?

Uma escola sem partido. O nome dado é estrategicamente pensado, mas o conteúdo é nefastamente organizado. Nesta semana, numa consulta médica, veio a pergunta: Para quem vamos votar? A resposta à própria pergunta foi: "- temos dois candidatos; o Lula e o Bolsonaro, pode ter certeza que no Lula eu não voto". Continuou: "Não voto porque ele vai fazer do Brasil uma Venezuela. Estamos perdidos". Neste pacote vem também a escola sem partido. Atuei numa escola sem partido no início da minha profissão, o diretor bateu na porta da minha sala de aula e me mostrou um texto que não passava de quinze linhas, assinado e carimbado pelo Secretário de Educação da época, dizendo que, como professora de Geografia não poderia me manifestar nem a favor nem contra a política do Apartheid na sala de aula, porque o governo brasileiro não tinha ainda se posicionado quanto ao assunto. Na verdade, já havia lá uma Escola sem Partido. Então, o nome é maravilhoso, o que tem por trás

da Escola sem Partido é um massacre, é uma sangria. No início da década de 2000, uma diretora me disse que eu tinha que mudar o livro didático que trabalhava, porque o texto sobre o Sem Terras era de Geografia Crítica e a linha da Geografia Crítica não existia mais porque uma advogada tinha ido dizer para ela que não existia. Agora isso vem ainda mais forte, porque a história do negro que nunca tinha sido contada, as princesas negras que eram magníficas e nunca tinham aparecido em histórias, que estão aparecendo agora vão ser borradas novamente, porque nós estamos na berlinda, nós não vamos ter força para isso. Eu considero a Escola Sem Partido nefasta, porque ela lida com coisas que fragilizam o ser humano. Precisamos de uma escola que ensine a refletir, a argumentar e a enxergar nas entrelinhas com sabedoria as intenções políticas, as armadilhas e a manipulação. Precisamos de uma escola política.

E sobre a Base Nacional Comum Curricular, quais são seus retrocessos e possíveis avanços para a Geografia Escolar?

Penso que tenha que haver uma base, mas não gostei da distribuição da Geografia implementada, parece mais súmulas de livros didáticos. Penso que não acrescentou muita coisa. Por outro lado sei da dificuldade que é construir um documento destes. Defendo que deveria ter havido a participação maciça dos professores da educação básica. As discussões deveriam ter sido mais amplas e significativas. Se ela traz avanços para a Geografia? Na forma como ela está, muito pouco. Tomara que os professores não se detenham apenas na Base. Tomemos como exemplo: nos Anos Iniciais, você seleciona um determinado ano que aparece formas de relevo sem nunca ter trabalhado uma leitura de espaço antes. Foi "feita em laboratório", não estou otimista quanto sua eficácia. Certamente esta Bse não vem, de forma alguma, minimizar os problemas da educação

brasileira e nem mesmo distribuir de forma igualitária o direito de aprendizagem. Este é o momento dos municípios e escola se apropriarem deste documento para territorializar, falar mais de gênero, culturas diversas, de idosos, de adolescentes, de crianças, de justiça social, de cidadania...

Como coordenadora institucional do PIBID/UFRGS, como vê este projeto dentro do contexto de melhora na formação inicial de professores no Brasil? Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo PIBID atualmente?

O PIBID pra mim é um sonho. Estou saindo do projeto, mas o PIBID jamais sairá de mim. Como qualquer outro programa, este também tem problemas. Tem problemas que eu não consegui resolver enquanto coordenação institucional, embora tenha trabalhado intensamente. Enquanto coordenadora institucional, falei com todos os pibidianos, particularmente e em grupos, olhando nos olhos de cada um. Conversei com todos os diretores, visitei cada escola, entrei em cada sala de aula. Conversei com alunos que recebiam pibidianos. Li todos os planejamentos. O pibidiano entra na sala de aula e enxerga aluno, faz projetos, volta para a universidade, estuda o projeto, reconhece, reavalia, retorna. O PIBID está ameaçado porque ele qualifica, se ele não qualificasse ele não estaria ameaçado. Ele representa um perigo porque faz a licenciatura aparecer. Os estudantes vestiram a camiseta do PIBID, isso é muito diferente do que você participar de uma iniciação científica. Não vemos os bolsistas vestirem a camiseta como vestem a do PIBID. Me orgulho muito de ter sido coordenadora institucional do PIBID, não por julgar ter feito tudo certo, muito pelo contrário, mas por ter compreendido, avaliado e participado. Um aspecto que me encanta no PIBID é a autoria. Vamos agora no dia vinte de dezembro do corrente ano (2017) lançar três livros, um *e-book* e dois *dvds*. A autoria foi

atribuída aos supervisores das escolas. Um professor de educação básica não tem tempo para produzir academicamente e o PIBID proporcionou isso. Por tudo isso, o PIBID me encanta e me emociona. Talvez, seja o momento mais importante da minha profissão. Fui representante estadual do PIBID durante um ano e fui vice-coordenadora durante dois anos. Esta proposta é muito boa, justamente porque faz o licenciando entrar na escola bem antes do estágio. Não há dúvidas de que o PIBID revolucionou a licenciatura.

E a senhora acha que isso refletiu com a licenciatura com os outros professores da graduação.....

Refletiu muito, outros professores começaram a reconhecer o programa em função da repercussão das atividades.

Porque isso movimenta também, não somente na escola, mas também na universidade...

Deu um outro sentido para a licenciatura. Muitos professores se incomodam com a presença forte do PIBID, porque o PIBID funciona quase como a paixão por um time de futebol. Você veste a camiseta e não deixa falar mal, mesmo reconhecendo as dificuldades. As críticas são feitas para dentro e não para fora. Os professores conheceram o PIBID, na própria Geografia, muitos dos professores citam o PIBID em muitas situações e contextos. A primeira vez que eu me aproximei do reitor da época para falar sobre PIBID ele disse que a avaliação do PIBID não era tão boa. Num primeiro momento me exaltei, depois consegui expor com calma. Aos poucos o PIBID chegou nas pró-reitorias e chegou na pesquisa. Temos teses de doutorado, dissertações de mestrado, TCCs e propostas de extensão que falam muito do PIBID.

Jean Piaget de certo modo é seu grande referencial nas relações que constrói em suas falas e textos. Como ele pode melhorar a relação entre os conteúdos e a aprendizagem dos estudantes?

O Piaget, por meio de suas teorias, explica como um aluno aprende. Seus estudos sempre me fascinaram. Quando fui perguntada sobre o momento em que comecei a pensar no ensino da Geografia e me dedicar a ele, respondi: "quando descobri que sabia muito de Geografia e pouco de aluno". O Nelson, meu orientador, não tinha estudos aprofundados em Piaget e eu queria trazê-lo na minha dissertação de mestrado. Nós dois estudamos e passamos a relacionar esta teoria com as minhas vontades em compreender alunos. Quem me apresentou Piaget pela primeira vez foi o professor Fernando Becker[10] ao dizer-me: "você vai melhorar isso (se referindo às minhas angústias) se você entender como se aprende". A professora Tânia Beatriz Iwaszko Marques[11], esposa do Fernando Becker, ministrou uma disciplina na universidade chamada Psicologia da Aprendizagem. Foi ela que apresentou-me às teorias de Piaget. Numa ocasião, Fernando Becker a substituiu. Enquanto dava aula, não acreditei que estava ouvindo aquilo. Não podia crer que um professor pudesse, em uma aula apenas, mostrar que era possível entender um ser humano por um processo de aprendizagem. Iniciou apresentando-nos a diferença entre professor interacionista, professor apriorista e professor empirista. O desenho que utilizou para ilustrar como o aluno aprende até hoje guardo com nitidez em minha memória. Ao sair da aula perguntei-lhe: "professor, o que tenho que ler para poder entender isso?". Embora alertasse sobre as dificuldades de interpretar Piaget, já que não poderia fazer uma disciplina que ele sugerira, pois tinha uma carga de trabalho de 60

[10] Professor da Faculdade de Educação da UFRGS.
[11] Professora da Faculdade de Educação da UFRGS.

horas, iniciei minhas leituras pelo livro "O nascimento da inteligência na criança". Nesta obra, havia inúmeras exemplificações, o que me decepcionou, uma vez que não tinha como fazer aquilo e nem mesmo realizar aquela leitura em um tempo tão curto. Voltei para o Fernando Becker e relatei minhas dificuldades, ao que respondeu: "Quem sabe, então, você lê só os resumos?" Assim fiz. Quando fui para o mestrado, cursei duas disciplinas com a Maria Luiza Rheingantz Becker[12]. Ela foi minha coorientadora no doutoramento; quando conheci melhor Piaget. Por muitas vezes me senti solitária na universidade ao pensar e estudar o interacionismo, mas continuo acreditando em processos de construção do conhecimento por meio de desafios e desequilíbrios.

Em seu doutorado na UFRGS a senhora aborda o conceito de Espaço Mentalmente Projetado. O que pode nos falar sobre ele?

Este conceito tem origem na preocupação que sempre tive e tenho com a aprendizagem. A abstração que o aluno precisa desprender para compreender espaços distantes e desconhecidos é muito grande. Hoje o Leo[13] está dando continuidade neste estudo em seu doutoramento. Acredito que estas reflexões possam auxiliar os professores a compreenderem seus próprios alunos. Imaginem um aluno estudando a Europa Central - a mais industrializada, um corredor europeu onde passa muito dinheiro, produção e circula muita população. Se nos colocarmos no lugar de um aluno que nunca esteve lá, que não tenha ideia de suas cidades, pessoas, ruas... o quanto ficaria difícil a compreensão da organização do espaço desta região do mundo sabendo que muitas vezes não conhece nem o seu

[12] Professora da Faculdade de Educação da UFRGS.
[13] Leonardo Pinto dos Santos, doutor em Geografia pela UFSM. Foi orientando de mestrado da professora Roselane.

Estado vizinho. Como é que um aluno pode compreender algo que ele nunca viveu? A História ensina da mesma forma um tempo em que o aluno nunca viveu como a Pré-História, por exemplo. No entanto, a Pré-História não existe mais. Diferentemente, no caso da Geografia a Europa existe. Desta forma, ele pode se projetar. Ela existe! Ele pode mandar uma carta, receber uma carta em tempo real e atual, porque não se trata de uma troca temporal. Quando estava na educação básica, minha professora de Geografia, ao me ensinar sobre a Europa disse: "A Mata Mediterrânea é tão densa, mas tão densa que os primatas caminhavam sobre ela". Ao ouvi-la, minha imaginação levava-me até a mata e eu a via exatamente da forma como a professora contava. Quanto tive oportunidade de visitar o lugar vi que a Mata Mediterrânea era totalmente diferente daquela que imaginei a vida toda. Certamente, muitos de meus antigos colegas ainda acreditam que os primatas caminhavam sobre as árvores. Quando ensinava os *belts* dos Estados Unidos, para meus alunos, me perguntava: "E se não for nada disso? E se isso realmente não existe lá? Se isso que eu estou falando da Índia não for exatamente assim? Eu não conheço! Eu não posso ensinar meus alunos somente pelos livros". Então, comecei a pensar este conceito e desenvolvi na minha tese um pouco dele. O texto que estou escrevendo para o livro que será lançado em 2018, também cito uma nova pesquisadora, a Victória Sabbado, e de alguma forma o Leonardo. Trago, também meu olhar simples sobre o espaço mentalmente projetado. O espaço mentalmente projetado surge desse momento quando busco entender como o aluno aprende e também nas minhas memórias de educação básica em que o meu professor ensinava algo que eu nunca conseguia entender. Afinal, tem como ensinar ao aluno um lugar que ele nunca tenha ido? Tem.

Por isso, eu aposto no espaço ausente ou no espaço mentalmente projetado. Depende muito da forma como o professor articula e da forma como ele desvencilha dos textos propriamente ditos. Os textos dos livros didáticos são muitas vezes unilaterais, sem levar em conta a multiplicidade de alunos que dele se utilizam. Este é um conceito caro para mim. Ele nasce de uma memória que é minha e depois de uma necessidade. Espaço mentalmente projetado é aquele espaço que o aluno deve aprender, mas que ele não consegue visitar. Por que mentalmente projetado? Porque há uma possibilidade, em Piaget, de projetar espaços que não estão presentes. O aluno é capaz de articular acontecimentos sobre lugares onde ele não está. Para que o aluno consiga articular acontecimento sobre a Europa, por exemplo, para poder tecer criticidade sobre estes acontecimentos, ele tem que compreender o espaço que não está presente. Se o professor reproduzir o que trabalha o livro didático, esse aluno nunca irá conseguir articular elementos desse espaço para poder ter domínio sobre aquilo que ele está falando, assim somente reproduz o que está posto. Cito um exemplo de um professor que conseguiu enxergar o aluno neste contexto, trata-se de Fábio Poletto Franco[14], também pesquisador, que agora está envolvido com a educação básica. O Fábio foi professor da minha filha e fez com que ela compreendesse espaços sem nunca ter estado lá, proporcionou a ela estabelecer relações e se colocar nestas relações. Cito o Fábio, mas não excluo a feliz possibilidade de existirem muitos outros como a Ana Giordani, também professora inesquecível, que fez a minha filha refletir sobre o mundo.

[14] Professor da educação básica de Porto Alegre.

Dentro da questão do Livro Didático, como a senhora observa o uso do Livro Didático pelos professores de Geografia?

Participei de dois eventos avaliativos do Livro Didático como Coordenadora Pedagógica do PNLD – Ensino Fundamental e Ensino Médio. Penso que o livro didático ainda não é o ideal e está longe disso. Por exemplo, se o livro didático fosse ideal, não separaria Brasil num ano e América no outro. A mudança desta lógica ultrapassada de entender o mundo não acontece, isso me deixa frustrada. Temos os livros exatamente iguais há décadas, com algumas mudanças apenas estruturais e ilustrativas, (que penso serem válidas, porém não basta) por conta da falta de coragem de construir um edital, documento em que as editoras, produtoras dos livros seguem, que exijam uma forma diferente e coerente de entender a Geografia e o mundo. O problema está posto porque a Universidade ensina desta forma, o escritor escreve desta forma e o professor assim trabalha em sala de aula. Como é que eu gostaria que fosse o livro didático? Não sei, mas poderia ser temático, por exemplo. Poderíamos ter a Geografia do jovem, da criança, do idoso, do deficiente, das doenças... Cada um destes temas poderia ser estudado em relação ao mundo todo. Como uma criança vive nos diferentes países da África, da Ásia ou no Brasil? Como são as oportunidades para os jovens no mundo? Como o idoso é visto e respeitado? Ao tratar de cada tema a Geografia articula o clima, a vegetação, a economia, a sociedade, tudo girando em torno de um determinado tema. Os alunos compreenderiam os cotidianos e teceriam constantes relações, menos decorativas e mais analíticas. Não é necessário localizar a África numa aula e na outra ensinar o clima. Por isso, é importante compreender como o aluno aprende. São as relações que ele vai tecer, afinal, quem é a criança no Brasil e como a criança vive na África? Na África há crianças que vivem de forma

muito mais saudável que no Brasil. Por que não conseguimos quebrar, romper com esses estereótipos que têm na Geografia? Porque ensinamos de forma estanque. Dividimos conteúdos por ano de escolaridade, sem priorizarmos as relações que deveriam ser estabelecidas e o aluno fica suprimido do que realmente conduziria a uma aprendizagem real e significativa. A Geografia pensada diferente torna-se muito mais humanística do que enciclopédica. O aluno compreenderá o idoso no mundo, em diferentes lugares. O idoso, na maioria dos livros aparece somente na pirâmide etária e nas imagens, na maioria das vezes de forma forçada, só porque o edital exige. Imaginem no encantamento ao ensinar a mulher no mundo. Somente assim o aluno entenderia que aquelas mulheres antigas que usavam o véu preto no Brasil, quando morria um parente, não é a mesma mulher que usa o véu nos países árabes A Geografia das doenças pode ser relacionado ao clima, à vegetação e a situação social. O clima tem que estar a serviço, assim como o relevo... essa é a Geografia dos meus sonhos. Então, este livro didático que está aí, circulando há décadas, se presta para uma reprodução. Com esta forma de avaliação (PNLD) acredito que os livros melhoraram muito, mas ainda temos muito chão a percorrer. A avaliação dos livros realizada por professores da educação básica junto com professores universitários, que esses últimos editais proporcionaram, melhorou muito a qualidade do livro, pode ter certeza.

Nos conte como foi a experiência dentro da equipe de coordenação do PNLD[15] Geografia. Como a senhora observa o futuro deste programa na atual conjuntura da educação brasileira?

[15] Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático.

Foi uma experiência ótima. Tanto é que eu abandonei o pós-doutoramento já com bolsa garantida na Europa para poder assumir a coordenação do PNLD, dada a importância que essa experiência tinha para mim. Aprendi muito. Aprendi a ouvir mais e aprimorei minha argumentação. Compreendi como é o MEC, como são as relações dentro do MEC, cresci muito no convívio com meus colegas. Foi uma aprendizagem ora dolorida, ora não, mas extremamente significativa. Em nenhum dos dois processos trabalhados deixamos falhas. Fizemos um trabalho muito bom. Toda a equipe, todos os professores muito competentes. Fomos elogiados pelo MEC, foi uma experiência marcante, foram noites e noites sem dormir, mas valeu a pena. A minha maior decepção é que grande parte dos professores da educação básica não leem todo o trabalho que realizamos, as resenhas e os textos metodológicos contidos no Guia de escolha do livro. As Editoras levam os livros nas escolas e os professores escolhem pelos livros e não pelo Guia. Por todas as escolas que passamos, centenas de professores deixaram isso muito claro: o livro é escolhido pelos exemplares. Quanto ao futuro do Programa, tomara que tenhamos uma boa equipe, uma boa comissão técnica, haja vista que a comissão técnica é fundamental para que o processo aconteça. É uma política de Estado, não é de governo. Vai continuar, mas o desenho será diferente.

Para terminar a entrevista gostaríamos que encerrasse com uma mensagem aos amantes da Geografia e da Educação.

Para o professor de Geografia, para quem gosta de Geografia, acho que primeiro tem que acreditar no que está ensinando e no que está aprendendo, isto é fundamental. Temos que respeitar o aluno seja ele da educação básica ou da graduação. Compreender quando aquele aluno não compreende. Muitas vezes, damos aula para a gente

mesmo e pensamos que estamos ensinando alguém. Ter a memória de aluno, construindo a nossa memória a partir da memória dele. Pensar que a Geografia é uma ciência e um componente curricular escolar de grande valor. É a partir da Geografia que o aluno vai compreender o mundo, suas relações, seus processos. Gostar da Geografia é incorporar esse processo e pensar que o mais importante na nossa ciência é que o aluno aprenda a aprender e não aprenda o conteúdo pelo conteúdo. A Geografia permite que o aluno tenha autonomia de discussão. Então, o professor precisa permitir que o seu aluno desenvolva o poder argumentativo e fortaleça essa autonomia. É isso que torna o ser humano diferente. Saber que os conteúdos de Geografia servem para humanizar e não para desumanizar. Ao trabalharmos com o vulcanismo, por exemplo, percebemos que a sua origem é natural, mas o que esse vulcão causa para diferentes pessoas no mundo não é natural, é uma questão social. Por que um vulcão pode matar cinco, seis pessoas num país e quatrocentas pessoas no outro, sendo ele de mesma intensidade? Por que uns tem que ter melhor infraestrutura que os outros? Então, eu vejo que é uma disciplina escolar que faz com que os alunos compreendam a diferença complexa que existe entre aquele ou aquela que pede de forma humilhante na sinaleira algo para sobreviver e aquele que pára com o carro do ano sem enxergar o ser humano, mas sim movido pela dinâmica do sinal. Essa diferença entre um e outro que Milton Santos traz em suas escritas, refletindo sobre a necessidade de ler esse mundo de maneira indissociável. Eu não posso dissociar aquele que está na sinaleira vendendo balas ou mendigando, do outro que pára o carro. A nossa disciplina é importante para isso, pois ela faz o aluno compreender as interações que existem. Também gostaria de deixar uma última mensagem:

quem ama a Geografia mesmo, aprende a estranhar. O estranhamento é fundamental para ser um bom geógrafo, um bom professor de Geografia.

O que estás pensando para o pós-doutorado?

A minha pesquisa de pós-doutoramento aprovada na Universidade de Valência era sobre o ENEM[16], mas foi abortada quando me dediquei ao PNLD. Queria fazer uma proposta comparativa de leitura do ENEM: Brasil, Espanha, Portugal e Estados Unidos. Na mesma época em que fui aceita, estava participando da concorrência do Edital para o PNLD, foi quando assumi a coordenação do Programa em dois editais seguidos, deixando para trás o Pós-doutoramento. Agora estou com uma proposta de pós-doutoramento dentro da nossa universidade juntamente com o professor Nelson Rego. Estamos trabalhando numa perspectiva diferente, que é a interpretação de narrativas. Consiste em compreender, por meio da minha história, de quando me tornei professora, para poder assim ser lida e identificada na vida de outros professores. Está pautado numa metodologia de pesquisa de ação-reflexão, ao mesmo tempo em que é autobiográfica. Parte dos primeiros momentos que me senti parte do espaço até quando realmente pensei: "Eu sou mesmo professora de Geografia!". Ainda não comecei oficialmente[17], mas o primeiro relato é de como me sentia dentro de uma Kombi quando estava indo a primeira vez dar aulas no interior de São José do Ouro na localidade de Santo Expedito do Sul, ao norte do Estado. Descrevo

[16] Exame Nacional do Ensino Médio.

[17] Na data da publicação desta entrevista a professora Roselane terminou sua pesquisa que focou na questão da formação de professores a partir das autobiografias e narrativas pela UFRGS, com pesquisa na Universidade de Valência na Espanha.

a Kombi e consigo me transportar até o seu interior, as minhas memórias e o que pensava naquele percurso de trinta quilômetros até a escola. Há um grupo de pesquisadores estudando autobiografias de professores na PUC-RS e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro para conseguir compreender o quanto a vida influencia no ser professor. Me inspirei também na história da Totta[18], a grande professora esquecida, ou quase esquecida. Ela realmente dedicou à vida inteira como professora e, inclusive, foi sindicalista. Li agora a narrativa de vida dela escrita por este grupo de pesquisa e me encantei. Por que o professor tem que registrar? Na verdade, eu considero o professor um dos seres mais criativos da história, porque cada aula é um evento. Por mais que você não se dê por conta, o teu poder criatório é testado a cada momento e tudo isso que o professor cria se perde. Assim, resgatar essas memórias tem o intuito de oportunizar aos professores a não deixarem que se perca esse poder criatório, e a garantia disso são os registros. Não abandonarei o ENEM. Faço parte de um grupo de pesquisa do ENEM, tem uma orientanda de doutorado que pesquisa comigo. O ENEM marcou muito a minha vida porque eu sempre fui contrária à forma como os alunos entram na universidade, sempre pensei que o vestibular nunca foi uma forma democrática para a entrada na universidade e que o ENEM poderia corrigir isso. Depois eu vi que não era tão democrático assim – esse é outro assunto. Mas, junto com o ENEM vieram políticas públicas que colocaram os alunos na universidade. Consegui mostrar para muitas escolas, para muitos professores, não só do Rio Grande do Sul, mas do Brasil inteiro, a importância desta prova, sempre tendo presente que ainda não é o

[18] Zilah Mattos Totta foi professora da educação básica de Porto Alegre e ex-presidente do CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul).

ideal. Estamos propondo um pós-doutoramento em um ano. Transformaremos minhas lembranças em memórias e as minhas memórias em metamemórias e fazer com que tenha significado, mas sempre junto com a Geografia. É importante dizer que defendi minha tese de doutoramento e a professora Tomoko[19] que fez parte da banca avaliativa, sugeriu que eu deveria escrever sobre a minha vida atrelada à própria Geografia. Ainda, em meio à arguição da banca, um dos avaliadores solicitou que eu falasse de onde eu vinha talvez por eu me preocupar muito mais com os meus alunos do que com as teorias. Desde o início da minha vida profissional, embora de forma ainda muito incipiente, já mostrava que a Geografia não deveria ser ensinada da forma como era na maioria das escolas. O pós-doutoramento vai me permitir cientificizar uma autobiografia. O fundo de memória será um, mas para onde ela vai, certamente será ressignificada. Na minha família as pessoas dizem que eu tenho uma memória muito importante, muito interessante. Eu me lembro de fatos que ninguém lembra. Eu me lembro de cheiros que ninguém nem tem ideia. A título de ilustração: a vó do meu marido nasceu dia 13 de agosto, morreu lá com seus quase 90 anos há quase 15 anos atrás e eu me lembro detalhes do corredor da casa dela. Lembro das cores, de onde estavam as rachaduras na parede, dos cheiros da comida, dos cravos vermelhos. Lembro detalhadamente do tapete do banheiro. O negativo disso tudo reside no fato de que essa capacidade não é seletiva, assim muitas coisas que não gostaria de ter registrado, não consigo esquecer. Desde que eu tive o câncer... (tive e não tenho mais), quero deixar bem claro. Quando peguei o diagnóstico, pensei no primeiro momento que eu não iria terminar de criar a minha filha. Depois, comecei a pensar em tudo que seria

[19] Tomoko Iyda Paganelli, professora da Universidade Federal Fluminense.

interrompido, dentre elas, que talvez morresse sem terminar de satisfazer as minhas vontades de mostrar o que aprendi sobre aprender. No mês de fevereiro daquele ano, tinha muitas horas de fala – palestras - para fazer e cada fala que eu fazia era uma mudança de comportamento. Tive que ir para o computador e dizer para todas as pessoas que não iria mais falar – me calei por quase um ano. O meu medo era que nunca mais pudesse falar. Mudei o comportamento de muitos professores, não tanto quanto gostaria, mas mudei. Certa vez, um motorista que me transportava frequentemente e que me ouvia nos finais das falas, sentado na porta da sala a minha espera, disse ao voltarmos de uma viagem: "Professora, nem meus netos nem meus filhos nem meus bisnetos, nenhum deles, professora, nem teus filhos, teus netos nem teus bisnetos vão ter a aula que você sonha que eles tenham. Desista, professora. O que você fala não adianta. Os professores nunca vão entender". Ele era o motorista de uma prefeitura. Então pensei: "Meu Deus, estou falando ao vento". Pena que eu saí cedo da educação básica, trabalhei só vinte e nove anos. Poderia ter trabalhado mais, se não fosse ter entrado na UFRGS. Acho que hoje seria muito melhor do que eu fui. Numa supervisão de estágio, um aluno estava sentado ao meu lado. A turma era muito difícil, indisciplinada, com pouca capacidade de estabelecer relações – em função do contexto. Ele havia ido para o Rio de Janeiro jogar, pertencia a um pequeno time de futebol local. Falou do Rio de Janeiro para um colega, de forma sorrateira para a professora não ouvir, professora esta que estava trabalhando a diversidade do Brasil, tinha na sala de aula um porto alegrense que estava encantado como outro lugar e nada ouviu, somente solicitava constantemente o silêncio. Ele olhava para mim, como se dissesse – preciso ser ouvido. Prestei atenção em tudo o que

ele falava e me transportei para os sonhos dele. Eu olhei para ele e reforcei seus sonhos, disse que seria famoso e que um dia o assistiria no programa do Faustão. Após a minha saída, segundo os relatos, o assunto rendeu, todos queriam ouvir o que havia dito a ele. Quando eu fui assistir a EJA, eu disse: "Meu Deus do céu, eu acho que foi a aula de pessoas mais inteligentes que eu assisti na vida". Acreditem, fui aplaudida. Acho que o que falta é isso, é a sensibilidade. Tornar o ser humano melhor e capaz. As escolas hoje não estão mais pensando nisso. Sou uma professora aposentada da educação básica, mas confesso que me aposentei por insistência, nunca pensei em me aposentar, quando vejo as pessoas contando os dias para a aposentadoria não entendo muito. Vou me aposentar com sessenta e oito anos na Universidade, caso não mudar a lei, e não conto os anos para isso. Talvez me dispensem antes, mas eu nem penso em me aposentar. Não me passa pela cabeça a aposentadoria. Talvez a minha família tenha ficado de lado pelo tanto que me empenhei na minha profissão como professora. Por tudo isso, a decisão do tema do meu pós-doutorado, nada tem a ver com a possível importância que possa atribuir a mim mesma, mas pela grande importância que os outros têm para mim. Espero que a coragem de contar minha história de vida inspire outros professores a fazer o mesmo.

Submetido em: 03 de maio de 2019.
Aprovado em: 30 de julho de 2019.

Como citar esta entrevista:

SANTOS, Leonardo Pinto dos; MENEZES, Victória Sabbado. Entrevista: Dra. Roselane Zordan Costella. **Terra Livre**, entrevista, v. 1, n. 52, p. 733-762, jan.-jun./2019.